

Imprensa volta a sede do governo Milei após 11 dias de bloqueio

O acesso de jornalistas à Casa Rosada estava vetado há quase duas semanas

A sala de imprensa da Casa Rosada foi reaberta nesta segunda-feira (4) após um hiato de 11 dias em que jornalistas foram proibidos pelo governo Javier Milei de entrar na sede do Executivo, uma medida inédita na história recente da Argentina.

O caso teve início após a emissora Todo Noticias exibir imagens do interior do prédio feitas com óculos inteligentes.

A retomada ocorreu com relatos de restrições, no entanto. Jornalistas apontaram retenção de credenciais, escolta de agentes de segurança e limitação de deslocamento dentro do prédio, em especial nos locais em que os profissionais conseguiam informações de bastidores.

“O governo decidiu que os jornalistas que circulam pelos corredores do Balcarce 50 há anos não poderão mais fazê-lo”, afirmou o repórter Fabian Waldman na rede social X, referindo-se ao endereço da Casa Rosada. As restrições impediam que os jornalistas vissem a chegada de autoridades para reuniões, segundo ele. “Em resumo, um pouco de obscurantismo. [Querem] ocultar o que o governo não quer que descubram, ao contrário dos governos anteriores, incluindo a própria ditadura militar.”

Além disso, a Associação de Entidades Jornalísticas da Argentina (Adepa) disse em suas redes que ao menos dois jornalistas continuam barrados. “O trabalho dos jornalistas na sede do Estado não é um privilégio da mídia, mas



Fernandezs Mariana/ Wikimedia Commons

Gestão de Javier Milei levou a Argentina a queda drástica no índice de Liberdade de Imprensa

um direito de seus leitores - e da cidadania como um todo? de ter acesso a informação pública, de compreender o funcionamento institucional e de ter garantida a liberdade de expressão”, afirmou a organização.

Os jornalistas foram recebidos com uma entrevista coletiva do chefe de gabinete Manuel Adorni. Segundo ele, as novas regras são parte de um “novo protocolo” para “fazer cumprir a norma, não censurar a liberdade de expressão”. Questionado sobre o bloqueio de dois jornalistas, afirmou que “todos os indivíduos credenciados e com a documentação em ordem não devem ter problemas para entrar”.

“Sob nenhum outro governo vocês tiveram tanta liberdade para dizer o quisessem, quando quisessem e onde quisessem. Por

isso surpreende algumas declarações que fizeram nos últimos dias classificando o fechamento temporário da sala de imprensa como uma suposta violação à liberdade de expressão”, disse, a despeito do fato de que em nenhum momento o governo deixou claro que a restrição era temporária.

Adorni também voltou a criticar a exibição das imagens internas da Casa Rosada como uma “grave violação da segurança”. “Pareceria normal que um jornalista se infiltrasse na Casa Branca, por exemplo, nos Estados Unidos, com óculos espíões e não houvesse nenhum tipo de consequência?”, afirmou.

O uso de óculos inteligentes na sede do Executivo americano já ocorreu, na verdade. Em janeiro deste ano, Jon Michael Raasch, repórter do jornal britânico Daily

Mail, fez gravações com o acessório em duas entrevistas coletivas da porta-voz do governo, Karoline Leavitt. Semanas depois, disse que um funcionário o informou que esse tipo de óculos é proibido no prédio.

Na Argentina, a Casa Militar, agência responsável pela segurança do presidente, apresentou uma queixa contra Nacho Salerno, o repórter que gravou as imagens com os óculos inteligentes, e Luciana Geuna, apresentadora do programa em que as imagens foram exibidas. Milei ainda compartilhou em rede social uma imagem manipulada mostrando a jornalista algemada e vestindo um uniforme de detenta.

“Ser corrupto, aceitar subornos e violar as leis de segurança não fica impune. Algum dia, os lixos imundos dos jornalistas (95%) terão que

entender que não estão acima da lei. Eles abusaram do sistema legal. Isso não fica impune”, afirmou na ocasião o presidente argentino.

Ao comentar o caso em seu programa, Geuna disse que a filmagem “não se tratava de uma gravação clandestina”, mas de um recurso “para contar a história política de uma forma mais visual, narrando-a a partir dos corredores comuns da Casa Rosada”.

“Para vocês terem uma ideia, cada uma das imagens que gravamos está em áreas que são repetidas milhares de vezes nas redes sociais, quando os alunos fazem visitas guiadas à Casa Rosada e, com seus celulares, gravam a visita. Elas também aparecem no Google Street View”, disse a apresentadora.

Uma semana após a decisão do governo Milei, a ONG Repórteres Sem Fronteiras mostrou que a Argentina caiu 11 posições em seu ranking anual de liberdade de imprensa, ficando em 98º lugar entre 180 países - o pior resultado desde 2002, quando a entidade começou a fazer a série.

Apesar das restrições, os jornalistas puderam perguntar a Adorni sobre as acusações de enriquecimento ilícito das quais ele é alvo e que têm contribuído para a queda de popularidade de Milei. Questionado sobre a nova revelação do jornal Clarín sobre mais uma viagem de luxo suspeita, o chefe de gabinete respondeu: “Não li.”

Por Daniela Arcanjo (Folhapress)

Coreia do Sul avalia plano de Trump em Hormuz após explosão em navio

A Coreia do Sul avalia aderir ao plano do presidente dos EUA, Donald Trump, para facilitar a navegação no Estreito de Hormuz após a explosão em um navio operado por uma empresa sul-coreana.

Autoridades sul-coreanas dizem que analisam a sugestão de Trump de participar de um esforço para liberar a passagem de embarcações pela via. O governo confirmou por mensagem de texto à agência de notícias Reuters que está examinando a proposta, após o republicano atribuir o incidente de ontem a um ataque iraniano.

Ministério das Relações Exteriores da Coreia do Sul afirma que a causa do incêndio só será confirmada depois que o navio for rebocado para um porto. O cargueiro

HMM Namu, de bandeira do Panamá e operado pela sul-coreana HMM, estava vazio e ancorado quando houve a explosão e o fogo, que foi extinto logo em seguida.

Seul diz que não houve vítimas e que enviou funcionários ao Golfo para investigar o caso. A análise da causa do incêndio deve levar vários dias, enquanto o navio é levado para avaliação de danos e reparos.

Tripulação permaneceu a bordo durante o incidente, segundo a empresa. Um porta-voz da HMM afirmou que os 24 tripulantes ficaram no cargueiro de 35.000 toneladas.

Governo sul-coreano pediu que navios do país na região busquem locais mais seguros. O Ministério dos Oceanos e Pescas

afirmou que mantém contato próximo com empresas de navegação e com embarcações retidas na área.

Seul afirma que a segurança das rotas marítimas e a liberdade de navegação devem seguir o direito internacional. “Nesse contexto, estamos acompanhando a declaração do presidente Trump sobre o assunto”, afirmou Choi Soung-ah, secretária presidencial.

Coreia do Sul diz que há 26 embarcações com bandeira do país retidas no Estreito de Ormuz. O governo tem sido cauteloso em se envolver diretamente no conflito no Oriente Médio e afirma que qualquer envio de navios para garantir a passagem segura exigiria aprovação legislativa.

Trump anunciou no domingo

um plano para escoltar navios comerciais encalhados na região. Ele disse que a medida vale para embarcações de países que não participam da guerra no Oriente Médio e que começou a valer a partir da manhã de ontem.

O Comando Central dos EUA afirmou que a missão envolve 15.000 militares, destroyers com mísseis guiados, mais de 100 aeronaves e plataformas não tripuladas. “Se, de alguma forma, esse processo humanitário for interferido, essa interferência, infelizmente, terá que ser combatida com firmeza”, escreveu o republicano no Truth Social.

Comando militar iraniano, por sua vez, afirmou que a navegação segura deve ocorrer com coordena-

ção prévia com Teerã. O aviso também incluiu orientação a navios comerciais e petroleiros para não cruzarem o estreito sem comunicação prévia com forças iranianas.

Depois disso, o Irã também divulgou um mapa que descreve a área do Estreito de Hormuz que diz estar sob seu controle. Veiculado pela Irib News e atribuída à Marinha da Guarda Revolucionária do Irã, o material apresenta os limites, em direção ao oeste e ao leste, do trecho que Teerã afirma administrar na passagem marítima.

Até ontem, o Irã havia negado que navios tivessem passado sob escolta dos EUA. “Nenhum navio comercial ou petroleiro cruzou o Estreito de Hormuz nas últimas horas, e as alegações (...) das autoridades americanas são infundadas e completamente falsas”, declarou a Guarda em um comunicado em seu canal no Telegram.